

Ourilândia do Norte, 30 de Janeiro de 2024.

Exmo. Sr.  
Luís Inácio Lula da Silva  
Presidente da República  
Brasília – DF

Senhor Presidente:

O Povo Kayapó do Pará, reunido em uma grande conferência, decide elaborar e enviar este documento a Vossa Excelência. Nossa intenção é que ao receber nosso documento, Vossa Excelência atente ao nosso pedido e não assine a aprovação do Marco Temporal. Na verdade, nós cremos que nosso Presidente tem, pela graça de Deus, se importado com a causa dos pobres e daqueles que não têm ninguém para interceder em seu favor. Deus conhece sua vida e tem mostrado a Vossa Excelência meios de combater a devastação das nossas florestas. Nosso povo reconhece que Deus é o Criador da Terra, das florestas, do ar, dos rios e dos animais. E em meio a tudo isto, criou os seres humanos, incluindo os indígenas. Foi Deus quem escolheu Vossa Excelência para ser o grande Chefe deste país, para defender a floresta e os indígenas que nela vivem, para que todos possam viver em paz e tranquilamente.

O interesse dos ruralistas é acabar com a floresta. Se isto acontecer, o calor, o efeito estufa, os temporais, os furacões e muitas outras tragédias continuarão acontecendo em maior intensidade no Brasil. A maioria destas coisas ocorrem por causa do desmatamento.

Para que nossa floresta continue de pé, nossos rios fiquem livres de poluição, a brisa sopra refrescando nossas vidas, os animais sobrevivam e nossos medicamentos sejam preservados e vivamos em paz, precisamos permanecer em nossos territórios tradicionais.

Muito antes de qualquer homem branco pisar no Brasil, aqui os indígenas já viviam em harmonia com a natureza. Segundo nossas tradições, todos os indígenas viviam juntos e falavam uma única língua. Os animais também tinham a capacidade de falar e se comunicar com os humanos. Nesta época, uma das nossas ancestrais estava levando seu neto para banhar no rio, quando uma ratazana começou a pular no ombro desta mulher chamada Nhikwỳrkwỳnh. Ela tentava afastar a ratazana, mas ela insistia em pular nos ombros da Nhikwỳrkwỳnh. O rio corria próximo a um gigantesco pé de milho, banhado pelas águas do rio. Quando chegaram ao rio e Nhikwỳrkwỳnh e seu neto estavam tomando banho, a ratazana falou que tinha uma coisa muito boa para ensinar. E naquele dia, a ratazana ensinou o segredo de preparar o milho para nossa ancestral. Conforme foi ensinada, Nhikwỳrkwỳnh arrancou o milho, cozinhou, bateu no pilão, embrulhou a massa na folha da bananeira e assou no fogo de pedra. Depois de experimentar, mandou seus netos levarem para a casa dos guerreiros, que é o centro de reuniões da aldeia. Quando estavam levando,

um ancião chamou as crianças e perguntou o que eles estavam levando. Os meninos deram um pedaço que o ancião comeu e achou muito saboroso. Quando perguntou que comida era aquela, as crianças contaram como a ratazana havia ensinado a receita à sua avó. Então todos se reuniram experimentaram aquela comida nova. Como era muito gostosa, todos queriam preparar e comer. Então decidiram derrubar aquele enorme pé de milho para alcançar todas as espigas. Então enviaram uns meninos para buscar milho. Mas quando estavam a caminho, os meninos encontraram uma mucura e decidiram comer. À medida que estavam comendo a mucura, iam envelhecendo e quando retornaram à aldeia, haviam se transformado em velhos. Mas o povo continuou com o projeto de cortar o milho e depois de uns dez dias de trabalho, conseguiram derrubar o pé de milho. Até então, aqui no Brasil havia um único grande povo e todos falavam a mesma língua. Mas quando o pé de milho foi cortado, aconteceu um fenômeno inesperado. Em cada lugar que caía uma espiga, uma nova tribo se formava. E cada nova tribo falava uma língua diferente. Foi assim que surgiram os povos Xavante, Pataxó, Guarani, Xacriabá, Xinguanos, Yawalapiti, Kararaô, Krahô, Gavião, Kayapó, Xikrin e todas as demais tribos indígenas. Esta é nossa história tradicional sobre a origem das diversidades linguísticas do Brasil.

Desde aquela época, os Tupi se estabeleceram no litoral, onde Pedro Álvares Cabral chegou. Nossa tribo Kayapó habitava na região do Rio Araguaia, rodeado apenas pela floresta. Mas os estrangeiros começaram a avançar desde o litoral e foram invadindo nossas terras. Durante séculos fomos recuando e vendo nosso território diminuir e os invasores de intitularem donos da nossa terra. É por isto que agora lutamos pelo pequeno território que nos restou. E nossa luta é pela preservação e pela defesa contra o desmatamento e a destruição do que restou da nossa floresta. E não vamos renunciar aos nossos direitos.

Neste ano de 2023 nosso povo se uniu aos nossos líderes Àkjabôro Kayapó (conhecido como Horácio) e Ropni Metyktire (conhecido como Raoni). Todos nós estamos em acordo sobre nossa decisão de lutar pela preservação do nosso território ancestral e por isto enviamos este documento. Nos unimos a outras tribos, como os Guarani, Pataxó, Yanomami e todos os indígenas que têm se posicionado contra as decisões dos ruralistas de derrubarem mais floresta nativa e continuarem invadindo nossas terras.

Como autoridade constituída por Deus, que suas decisões sejam favoráveis à preservação da floresta e contra a devastação que tem se espalhado pelo planeta. Para que a poluição dos grandes centros não chegue aos nossos territórios e nossos rios continuem límpidos e próprios para a preservação dos nossos descendentes. Defenda os direitos dos povos tradicionais e continuaremos apoiando seu mandato atual e sua reeleição no próximo pleito. Estas palavras refletem o apelo de todo nosso povo.

Não permita a aprovação do marco temporal! Mesmo que lhe ofereçam grandes benefícios para que aceite o marco temporal, nosso apelo é que Vossa Excelência renuncie a qualquer oferta neste sentido e faça o que é certo e decente. Lembre das crianças, dos idosos e todas as pessoas que formam os povos originários do Brasil.

Nosso Povo Kayapó é apenas um pequeno grupo. Muitas de nossas aldeias ficam isoladas pelo difícil acesso. Algumas têm acesso por estradas, mas muitas outras só têm acesso fluvial ou aéreo. Muitos ainda não falam português nem são alfabetizados e muitos nem vão à cidade, vivendo apenas na floresta, que é o seu lar. Pense nestes cidadãos e não apoie o marco temporal. Nosso povo não esquecerá deste gesto e tanto Vossa Excelência como os Ministros do STF que estão defendendo nossos interesses, continuarão recebendo nosso apoio.

Senhor Presidente, muito antes da chegada de Pedro Álvares Cabral, nossos antepassados já ocupavam estas terras. Nossos direitos territoriais foram assegurados pela Constituição que vocês elaboraram em 1988. Mas agora, muitos deputados, principalmente da bancada ruralista, querem limitar nossos direitos legais, chegando a afirmar que nem somos mais indígenas. Mas o que nos faz verdadeiramente indígenas é nossa essência, nossa língua e nossos territórios. Que estes deputados que dizem que nem somos mais indígenas, venham conhecer nossas aldeias e observar nossas tradições e constatem pessoalmente que temos nossa própria cultura, mesmo sendo todos brasileiros. E que Vossa Excelência, tenha a força de Deus para lutar contra aqueles que são contrários aos nossos direitos, para que continuemos vivendo em paz e harmonia e não haja privações em nosso território.

Atenciosamente, em nome do Kayapó do Brasil,

**Celso Ngronh-re Kayapó**